



ALVES FILHO, Ernesto. Colégio "Ateneu Paulista". Correio Popular, Campinas, 04 set. 1948.

A HISTÓRIA DO ATENEU:

— Ele era como uma chama viva. De longe, fulgia poderosamente; de perto, queimava queimava pela franqueza e pela verdade, que faziam autorizada sua palavra; queimava pelo entusiasmo sempre profundo, que nele era assim como uma fonte de vida eterna. Mas queimava, acima de tudo, porque cada gesto seu e cada ato traziam a fisionomia de seres mentes; quando lançadas na terra deste mundo, rebentavam sempre, depois, em esplêndidas realidades. . .

Álvaro Ribeiro era isto mesmo.

É foi ele então que, tendo já fundado na cidade um colégio tendo já feito um jornal artesão "Correio", chegou-se, um dia, um dia de grande sonho e de visão generosa, chegou-se ao irmão, Antônio Joaquim Ribeiro Júnior e, assim como que falasse de uma das velhas e antigas aventuras da infância, sugere

— "Que acha? . . . podemos fundar . . ."

E firme, logo depois:

— "Vamos fundar um colégio! um colégio do presente e do futuro, um colégio que seja, em Campinas, o que Campinas e no Brasil: uma tradição iluminada pelo amor do progresso. . . Que acha Tonico?"

Perto do sonhador e vidente, encontrava-se o gênio prático e que sabia manipular os entusiasmos de modo a que pudessem lhes entrar para a categoria das realidades; era aquele irmão, Antônio Joaquim Ribeiro Júnior que, ali junto, ouvia

E Antônio Joaquim Ribeiro Júnior pensa, medita, mede, pesa, estuda e termina, feliz, crente no mesmo sonho dourado e promissor do irmão;

— "É verdade, Álvaro, podemos sim, podemos fundar o colégio. . ."

Jorge Nogueira Ferraz, o grande professor e servo do trabalho, homem que trazia a cátedra esculpida na alma, conhecedor de discípulos, afeição experiente dos intelectos juvenis, Jorge Nogueira Ferraz, dono também da mesma idéia e feito aquecido também por ela, sorria feliz, ali presente e, como se tivesse visões para além, nos horizontes impenetráveis do futuro, Jorge Nogueira Ferraz fala por si, fala por Amancio Rodrigues, ali presente também o servo do mesmo ideal, fala por todos afinal, os quais o ouvem em silêncio:

— "Organizaremos e dirigiremos uma Casa de ensino e educação aproximada, o máximo possível, do ideal perfeito! . . . Será um esforço de todos nós em direção do aperfeiçoamento e aproveitamento sério do ensino. . ."

E depois dessas palavras assim tão límpidas do Sonhador, do Homem Prático e do Professor, estava fundado o colégio.

Nada havia pelos cartórios, nenhum professor prelecionava nas cátedras, não havia alunos, as carteiras estavam por

fazer, — tudo era sonho. Mas por isto mesmo estava fundado o Colégio: estava fundado sobre aquelas pedras eternas e mais resistentes do que todas: o fogo vivo do ideal a queimar o coração amigo de quatro homens. . .

NO VELHO SOLAR DO BARÃO: — Era no fim de 1920, e quase um ano haveria de passar ainda para que a idéia se fizesse plena realidade; era preciso organizar o conjunto, escolher e adquirir as instalações, era preciso concretizar o sonho.

Confabularam os quatro homens e, um dia, Álvaro e Antônio Joaquim Ribeiro Júnior se encontraram sob o teto da futura grande sede do "Ateneu".

Era um edifício rebocado não só de cal e areia mas de tradições antigas e nobiliárquicas: o antigo solar do finado Barão de Ibitinga, no então n.º 40 da Rua Dr. Quirino. Imponente, poderoso, seguro nas paredes de taipas largas e seculares, possuindo amplo pátio interno adeado de compartimentos amplos, que necessitavam limpeza e reforma, o grande edifício prestava-se admiravelmente ao objetivo em vista, considerando-se ainda que, para além do prédio, vasta área se estendia, magnífica e arborizada pelas célebres e saudosas jaboticabeiras de outro tempo.

— "Justo! magnífico! apropriado!" exclamava Álvaro Ribeiro à contemplação dessas cousas: da casa, do pátio e da chácara.

— "Adaptaremos cada coisa ao seu mister e teremos todo o necessário à plena execução dos nossos fins", ajuntou, depois, Jorge Nogueira Ferraz.

E vendo tudo, e medindo, e consultando paredes e terrenos, Antônio Joaquim Ribeiro Júnior concluiu mansamente, como sempre:

— "Creio que as condições são boas e que tudo vai confluindo justamente para o que queríamos. Julgo poderemos assumir os direitos de opção por estas propriedades. . ."

— "A futura sede do 'Ateneu Paulista' . . . ah! . . . sim. . . que tal acham vocês este nome: 'Ateneu Paulista', interrogou Álvaro.

Organizou-se a Sociedade incorporadora do "Ateneu Paulista", nome por todos aceito. Fundavam-na Álvaro Ribeiro, Antônio Joaquim Ribeiro Júnior, Jorge Nogueira Ferraz e Amancio Rodrigues.

PRINCÍPIO O "ATENEU" — E ficou tudo certo e assentado. Assinaram-se os papéis, redigiram-se e legalizaram-se todos os documentos e daí a pouco, a 20 de janeiro de 1921, a primeira turma de Preparatórios, "Curso Intermediário", germe daquilo que, em Setembro, plenamente legalizado, seria a esplêndida realidade: o "Ateneu Paulista", estabelecimento de instrução primária e

secundária, pertencente à "Sociedade Comanditária de Instrução e Educação", tendo por fim preparar candidatos à matrícula nas escolas superiores da República".

Nesse 20 de janeiro tão distante, a classe de preparatórios, dirigida pelo prof. Norberto de Sousa Pinto, contava com apenas vinte alunos, dos quais sete internos, seis semi-internos e sete externos. O número aumentou logo, para quarenta e seis, de ambos os sexos.

Em vindo Setembro, com a legalização do "Ateneu Paulista", e chegando o 31 de Dezembro, a Diretoria conta: " . . . o 'Ateneu Paulista' teve, nesse primeiro ano, cento e noventa e dois alunos, assim discriminados:

| | |
|-------------------------|------------|
| Internos | 47 |
| Semi-internos | 37 |
| Externos | 108 |
| Total | 192 |

E a Diretoria diz, nesse "Prospecto" de 1923: — "Este número excedeu a mais otimista expectativa. A diretoria atribui o sucesso à competência do seu numeroso e selecto corpo docente e ainda ao nobre e patriótico intuito dos fundadores, motivo porque, sentindo-se estimulada, tratou de aperfeiçoar o estabelecimento para proporcionar maior conforto aos seus alunos, e para de esmerado e sadio tratamento alimentar, com disciplina enérgica, sem violências, ensino ininterrupto e perfeito, educação social e cívica, cuidadosamente ministrada, de modo a ser o "Ateneu Paulista", no país, um elemento de utilidade e de progresso".

Ai, em linhas gerais, os motivos onde a Diretoria lobriva as razões do progresso e do desenvolvimento de sua casa de ensino.

DOS ANTIGOS PROFESSORES: — E fala, por primeiro do seu Corpo Docente: ah! como faz bem lembrar esses companheiros antigos dos primeiros tempos. . . Como faz bem trazer, denovo, à memória, por exemplo, o quadro em que aparece o então jovem Maestro Boyve, com o mesmo entusiasmo de hoje, e ensinar junto ao tronco e à sombra das cedadas jaboticabeiras. . . E em Setembro, ao longe, nos morros, as fumacadas acinzentam e tornam distantes e incertas as cousas. Caem as primeiras chuvas e Outubro chega. Lá está o Maestro Boyve, com as lições de todos os dias, sob as jaboticabeiras carregadas então, ensina o valor dum ou doutro símbolo musical, solfeia para este, chama a atenção daquele, corrige, além, aquele outro, o qual, mais do que à aula, deixa que os olhos contemplem, guiesos, as jaboticabas pretas em cima. . . Todos sabem que, terminada a aula, o maestro amigo dará a licença, que é como a mais suave das músicas:

COLÉGIO "ATENEU PAULISTA"

"QUATRO HOMENS E UM PENSAMENTO" p/ Prof. Ernesto Alves Filho

— "Agora vocês podem चु par algumas frutas..."

Alem da bondade de mestre, eis af estímulo dos mais fortes para o sucesso daquelas aulas sob as magnificas jaboticabeiras...

E pela imaginação passam, juvenis e revivescidos pelo tempo, essas figuras ainda presentes e sempre estimadas do prof. Carlos de Paula, reto e exigente como no gênio das disciplinas matemáticas que professa; o prof. Jorge Leme, nesse gênio que admira pela combatividade sempre jovem, pela crítica e pelos julgamentos que não escande, pelo comovido amor a esta casa...

Alguns já foram por esse caminho silencioso de toda carne, e passaram já para além, nesse mar de eternos enigmas. O Dr. Mário Natividade, o Dr. Alberto Ribeiro, William Sim, o sempre saudoso e lembrado professor Miguel Carvalho, gênio cristão e poeta que a morte levou tão cedo, o prof. Jorge Nogueira Ferraz...

Outros, ausentes nas suas cátedras antigas, continuam vivos na história e na lembrança do "Ateneu": o Dr. Vogel, o Dr. Carlos de Araujo Pimentel, o prof. José Borges dos Santos Júnior, o prof. Gumercindo Guimarães e... e muitos outros cujos conhecimentos e cujas virtudes o tempo não apagará da memória de milhares de ateneenses.

De um desses nomes, presente no passado e nos dias atuais do "Ateneu", servo do magistério e irradiante na bondade e na simpatia com que vive na alma dos alunos e companheiros, a um desses servidores da cátedra dos mais antigos, com serviços em todos os dias dos vinte e tantos anos não se poderia deixar de expôr o nome em relevo: o prof. Piorello Reginato. Ele é figura de prestígio pelo que tem e pelo que sempre foi: pela camaradagem, pela seriedade do trabalho, pelo magnifico "fair play" com que tudo encara.

O ESFORÇO E A OBRA DA DIRETORIA: — Outro fator, entretanto, apontado no velho prospecto do segundo ano do "Ateneu" é o patriótico e sempre renovado esforço da Diretoria em prol do aperfeiçoamento do ensino e da educação, do progresso técnico e da utilidade do Colégio. Tudo quanto de melhor se encontrou, aqui foi adotado. Daqui partiram ensinamentos e métodos, maneiras de agir e proceder, princípios e experiências hoje incorporados ao trabalho de muitas casas de ensino. Prestigiado pe-

las autoridades do ensino, respeitado pelos institutos congêneros, vivo no preparo de centenas de ex-alunos, orgulhosos do nome "Ateneuense" — o Colégio "Ateneu Paulista" fala bem alto e é acatado como índice de realização e iniciativa de seus dirigentes. Nunca a dormir sobre conquistas antigas nem a iludir-se com sucessos do passado, os diretores do "Ateneu" têm procurado fazer que o futuro se orgulhe das realizações deste presente.

Um dia, por exemplo, Ademar Fonseca Ribeiro vai à velha Europa. Não será, porém, ociosa tal viagem, nem feita para desfastio do corpo ou da mente. Lá, nessas terras onde a humanidade buscará sempre a experiência dos caminhos já percorridos, Ademar Ribeiro andou, mais do que tudo, como diretor do Colégio "Ateneu Paulista". Pela Itália das gloriosas ruínas, pela França dos velhos e amáveis requintes, pela Inglaterra da Rigidez e do caráter, Ademar Ribeiro andou, muitos dias, mas andou-o preocupado, antes de tudo, em colher, na experiência dos homens, as lições que, aplicadas ao "Ateneu", fizessem desta

Casa uma sementeira de cultura, de conhecimento, de valores morais... Examinou antigas disciplinas, viu regimes de diversa índole, passou por alturas que há centenas de anos vêm sendo pisadas por estudantes. Trocou idéias com antigos diretores, ouviu a opinião deste, auscultou o pensamento daquelle e, voltando, tem procura de inocular, na vida do "Ateneu", tudo quanto, sendo útil e bom, se preste a nós, pelo gênio, se aproxime de nós.

E de uma coisa se pode ter a certeza: aquilo que amanhã surgirá e se provar benéfico e útil à vida escolar e à luta pelo conhecimento, isto será, de pronto e por primeiro, adotado no "Ateneu".

VALORES MORAIS: — E para além desses horizontes onde se distinguem, apenas, cousas e traços materiais, o "Ateneu" possui riqueza soberana: é aquella representada pela tradição de trabalho, de civismo, de coragem e fé com que na vida se houveram seus

homens, a principiar com Alvaro Ribeiro.

Alvaro Ribeiro: tendo vivido e trabalhado aqui, aqui tendo morrido em plena luta, o grande homem e patriota, digno dos maiores de sua terra, por aqui vive e permanece, e a lembrança de sua alma é como um farol. Sua vida foi tão grande e tão fervorosamente dedicada ao bem de todos que até se esqueceu de si. Tão sincero, tão leal e tão franco no amor de sua terra, que ela não o esquece.

Outra tradição de trabalho do "Ateneu", cinzelador de sua história, vivo nela, presente na organização, é o nome de Jorge Nogueira Ferraz. "Trabalhador", eis o título glorioso eis a verdadeira nobiliarquia que recobre seu nome desde os primeiros minutos desta Casa até os últimos dias em que por aqui passou e esteve. Didata na justa e clássica expressão do termo, penetrou almas e intellectos, e tão bem o fez que por lá sua lembrança permanece viva e quase corpórea.

O gênio trabalhador e silencioso de Jorge Nogueira Ferraz jamais deixará a lembrança de quantos o conheceram ou laboraram, para além do corpo, o brilho de sua alma. Tradição presente, homem da primeira hora e criador de cada minuto do "Ateneu", arquiteto das bases, dono dos planos e servidor dos ideais, eis que ai segue e caminha Antônio Joaquim Ribeiro Júnior.

Ele viu ser lançada na terra a semente pequenina, viu surgir a planta obscura e contemplosa, hoje, a árvore florecente. Ceareiro da boa semente, silêncio ao contemplar a seara amarelecida e vitoriosa mas todos quantos conhecem a história do "Ateneu" sabem que, no conjunto de idealismo de necessária providência, nos árduos princípios de organização, na gerência cuidadosa da pecúnia, a presença de Antônio Joaquim Ribeiro Júnior, silenciosa e ponderada, foi decisiva e basilar. A ele se deve o patrimônio do "Ateneu" em cada pedaço de chão e, mais, a providência sábia a-fim-de que nada impedisse ao Colégio cumprir, com justiça e precisa medida, os altos ideais semeados

por ele, pelo irmão e pelos demais fundadores.

Por tudo isso é que, talvez, não precise ir buscar riquezas morais e estímulos cívicos fora de suas paredes: seus homens aí estão como exemplo vivo e podem, com a grandeza da própria vida, prelecionar, todos os dias, para a consciência da Casa.

VINTE E SETE ANOS DENTRO DO TEMPO: — Afinal... vinte e sete anos.

O tempo, na verdade, nada significa em si. Mil anos nada representariam sem a presença de homens audazes e corajosos. Para o ocioso seriam inúteis. Ao homem diligente e sábio, entretanto, bastam alguns dias, muitas vezes, ou poucos anos — curta vida para que escreva capítulos sublimes e magníficos na história da humanidade.

Vinte e sete anos tem o "Ateneu".

Milhares de reminiscências se escondem aí pelas suas paredes. Milhares de sombras, voltam à memória e à imaginação quando os olhos contemplam os largos pátios, as árvores, as baixadas lá junto à valeta. Seus quadros, nas paredes, povoam o pensamento, e a gente medita na imensidade de tudo que representam vinte e sete anos de vida ativa num colégio como o "Ateneu Paulista"! Ensino ministrado, disciplina exercida, vidas cinzeladas na luta de cada dia, — homens entregues à sociedade, homens que vão, por sua vez, exercer influências.

Vinte e sete anos, mas todos sabemos que, se medidos podem ser na falácia do tempo, o mesmo não pode efetuar-se relativamente às virtudes e grandezas que lograram semear. Tais grandezas e virtudes são imponderáveis, são alturas, são contelhas eternas, — e a medida humana de dias e anos não pode aferi-las...

E aqui o motivo soberano pelo qual se abençoa o Colégio "Ateneu Paulista": grande tem sido e vai sendo a messe colhida e sempre a multiplicar-se de sobre as letras eternas e iluminadas das almas, por onde caminhou semeando, semeando, pródigo, a semente benéfica...

ALVES FILHO
set 1948